

Revisando o conceito de *Heartland* na Política de Contenção Ocidental do séc. XXI

Dyego Freitas Rocha,¹

Edu Silvestre de Albuquerque²

Resumo

Os grandes espaços eurasiáticos não apenas continuam determinando a dinâmica do sistema internacional do século XXI, como assumem crescente protagonismo no desenvolvimento tecnológico e na globalização. Assim, torna-se necessário recuperar os condicionantes geográficos da teoria do *Heartland* (Halford Mackinder) e suas sucedâneas do *Rimland* (Nicholas Spykman) e do Choque de Civilizações (Samuel Huntington), uma vez que todas dialogam com os grandes espaços eurasiáticos. A novidade histórica em relação a época mackinderiana se configura exatamente nesse deslocamento do poder mundial do eixo Berlim-Moscou para o eixo Moscou-Pequim, inclusive redefinindo a abrangência geográfica do *Heartland* e as ações estratégicas dos Estados Unidos e da OTAN.

Palavras-chave: Geopolítica; Eurásia; China.

Abstract

The large spaces Eurasians still determining not only the dynamics of the international system of the century, as assumed increasing prominence in technological development and globalization. Thus, it becomes necessary to recover the geographical constraints of the Heartland theory (Halford Mackinder) and their surrogate's Rimland (Nicholas Spykman) and the Clash of Civilizations (Samuel Huntington), since all dialogue with the great outdoors Eurasians. The historical novelty is configured exactly this shift of world power the Berlin-Moscow axis in Mackinder's Era for Moscow-Beijing axis, including redefining the geographical heartland.

Keywords: Geopolitics; Eurasia; China.

Introdução

As teorias geopolíticas adquirem relevância quando suas representações cartográficas se tornam relevantes para a criação de formas e processos geográficos. Nesse sentido, selecionamos para análise as teorias geopolíticas emanadas das principais potências do século XX, sucessivamente, Inglaterra e Estados Unidos³. Na primeira metade do século passado, a teoria do *Heartland* embasou a estratégia de

1 Acadêmico de Geografia da UFRN. Bolsista do PET - Geografia/UFRN. Contato: rocha_dyego@yahoo.com.br

2 Doutor em Geografia. Docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFRN. Contato: edusilvestre@ufrnet.br

contenção movida pelo Império Britânico. Enquanto que a segunda metade do século XX registrou a emergência dos Estados Unidos, com suas estratégias de contenção fundamentadas, primeiro, na teoria do *Rimland*, e depois, na teoria do Choque de Civilizações.

Com efeito, todas essas teorias geopolíticas clássicas foram formuladas por *intelectuais orgânicos atlantistas*⁴. A teoria do *Heartland* do britânico H. Mackinder e a teoria do *Rimland* do estadunidense N. Spykman, passando pela mais recente teoria do Choque de Civilizações do também estadunidense Samuel Huntington, dominaram o imaginário ocidental ao longo do século XX, e ainda guardam relevância no século XXI ao associarem o destino do mundo ao destino da Eurásia.

A teoria mackinderiana influenciou suas sucedâneas estadunidenses por ter edificado uma análise coerente do sistema internacional centrada nos condicionantes geográficos do poder, descortinando a importância das massas terrestres eurasiáticas e dos principais Estados-Pivôs de seu interior: Rússia, Alemanha e China.

Este artigo tem exatamente por objetivo analisar a evolução dos conceitos mackinderianos de Área Pivô e de *Heartland*, e então discutir a aplicação de sua teoria do "pivô geográfico da história" no século XXI. Para contribuir nesse esforço de sistematização foram elaborados cartogramas temáticos a partir dos programas não-proprietários gvSIG e QuantumGIS, que ilustram esse deslocamento da Área Pivô/*Heartland* cada vez mais para a Ásia, sinalizando a possibilidade de novos eixos de poder mundial.

A validade dessa discussão teórica aparece, por exemplo, quando se analisa o novo paradigma estratégico da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que pretende novas formas de intervenção do poder naval atlantista nos assuntos eurasiáticos. Com efeito, veremos ao longo deste texto que a clássica noção realista europeia de equilíbrio de poder reside atualmente na polarização entre Ocidente e China, como advoga o estadunidense Samuel Huntington ainda que sob o questionável rótulo de conflito civilizacional.

3 O conceito de potência hegemônica deriva dos conceitos gramscinianos de blocos históricos e de hegemonia, agora aplicados ao campo das relações internacionais. As potências hegemônicas são aquelas que utilizam sua liderança econômica, tecnológica e militar para influenciar os demais atores internacionais. Preferimos falar em potências hegemônicas ao invés de empregar o termo "estabilizador", disseminado a partir da teoria da estabilidade hegemônica de Robert Gilpin (2004), uma vez que a produção de instabilidade nas regiões periféricas é uma estratégia recorrente das potências hegemônicas.

4 O conceito de intelectual orgânico também é tomado do marxista italiano Antonio Gramsci (1999). Enquanto que o termo atlantistas reporta às potências hegemônicas situadas no núcleo geoeconômico do Atlântico Norte.

As estratégias de contenção do *Heartland* de do *Rimland*

A teoria do "pivô geográfico da história" foi elaborada pelo geógrafo inglês Sir Halford John Mackinder, e representa, segundo o próprio autor, o poder terrestre em seu antagonismo histórico e geográfico com o poder marítimo. A *Área Pivô* representa uma ampla extensão territorial do continente eurasiático, dotada de vastos recursos minerais vitais à industrialização e de extensas planícies que permitem o desenvolvimento da agricultura comercial. Do ponto de vista estratégico, seu relevo plano permite deslocamentos rápidos por terra; enquanto que sua distância em relação ao mar assegura uma profundidade territorial frente a ataques de potências oceânicas.

O argumento do diplomata britânico no célebre artigo *O Pivô Geográfico da História (1904)*, é que o país ou aliança que transformar as riquezas das vastas extensões eurasiáticas em poder econômico poderá lançar-se enquanto poder militar e disputar a hegemonia mundial⁵.

Mackinder propõe a existência de um único oceano, o *Great Ocean*, que representa três quartos da área do globo, sendo o restante formado pelos continentes Europa, Ásia e África, que formariam a *World Island* ou *Ilha Mundial*, e mais os continentes isolados das Américas e Oceania (MELLO, 1999). Do ponto de vista cartográfico, essa leitura questiona os mapas eurocêntricos (Projeção de Mercator), e do ponto de vista geopolítico, a Europa Ocidental perde importância diante da *Área Pivô*, situada basicamente no núcleo do continente eurasiático. A Europa Ocidental continental fora transformada numa mera península eurasiática, situada no *Crescente Marginal*, juntamente com as demais penínsulas localizadas nas proximidades do núcleo eurasiático.

Mas a Grã-Bretanha, para Mackinder, estava situada estrategicamente nas Ilhas de Fora, configurando o *Crescente Insular*, juntamente com suas ex-colônias África do Sul, Austrália e Estados Unidos, uma rede fundamental do poder marítimo de ontem e de hoje para deter as alianças entre poderes terrestres eurasiáticos⁶.

Para Mackinder, a Rússia era a nação mais importante no contexto geopolítico de início do século XX, considerando seu vasto território e proteção natural de suas planícies e bacias interiores. No medievo, essa geografia de estepes e o corredor entre os montes Urais e o mar Cáspio flanqueou a entrada de povos nômades asiáticos na Europa

⁵ Ao longo da história recente, a oposição entre poder marítimo e poder continental encontra-se na rivalidade anglo-francesa, anglo-russa e anglo-germânica, bem como no "confronto" americano-soviético.

(MACKINDER, 1904, p. 425-426), mas também permitiu aos *cossacos*⁷ expandirem o império russo pela Sibéria e Ásia Central na proporção em que expulsavam os invasores. A partir disso, a Rússia se expande territorialmente com a imigração dos camponeses russos para as estepes do sul.

Mas a Rússia era elevada à condição de peça chave na estratégia ocidental menos pelo potencial de desenvolvimento de capacidade econômica e militar própria, e mais pela possibilidade de ser manobrada por potência vizinha mais ambiciosa, leia-se, Alemanha. Às vésperas da Primeira Guerra Mundial, a Alemanha despontava como ameaça concreta aos interesses britânicos na Europa, e sua derrota incompleta ao final do conflito mantinha a desconfiança quanto ao futuro da paz⁸.

Assim, a estratégia de contenção projetada por Mackinder advinha da preocupação dos britânicos quanto à consolidação de um poder terrestre no continente eurasiático apto a desenvolver força anfíbia pelas franjas costeiras a ponto de suplantar a hegemonia do poder naval inglês (MELLO, 1999). Diante do iminente reerguimento alemão e da sempre promessa russa, as dimensões da *Área Pivô* foram então ajustadas por Mackinder de forma a abarcar estes dois Estados-Pivôs.

No livro *Democratic Ideals and Reality: a study in the politics of reconstruction*, de 1919, Mackinder desenvolve o conceito de *Heartland* ou “coração da terra”, numa tradução literal. Segundo Albuquerque (2011, p. 44), “O *heartland* era menor que a Área Pivô, passando de 23 para 13 milhões de km², mas definitivamente centrava no eixo Berlim-Moscou a principal ameaça geopolítica vinda do núcleo da massa terrestre eurasiática. Se o *heartland* perdia em extensão territorial, ganhava muito em precisão espacial, o que é fundamental em se tratando de estratégias de contenção”.

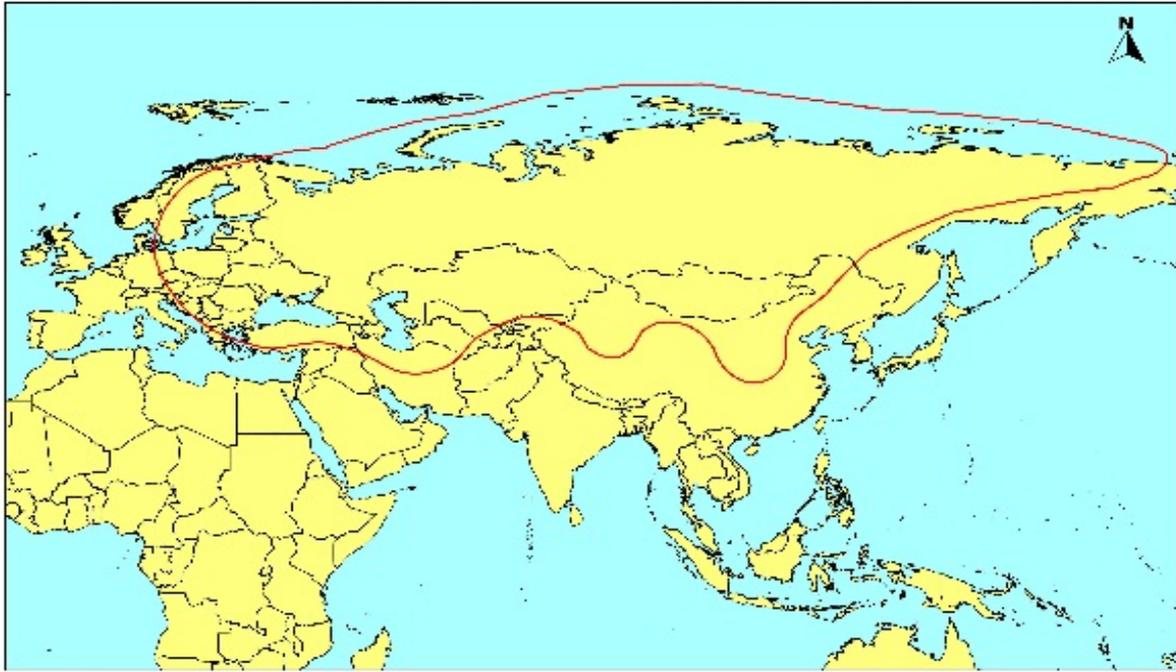
6 Segundo Mello (1999), a teoria mackinderiana materializa geográfica e cartograficamente uma nova visão de mundo dos europeus, e é caracterizada por três aspectos: a) *Histórico*: a evolução da civilização europeia deixa de ser vista como um processo endógeno e autocentrado; b) *Geográfico*: a Europa perde a visão de distanciamento da Ásia, consubstanciada na barreira dos Montes Urais, e passa a formar a Eurásia; e c) *Cartográfico*: perde-se a visão eurocêntrica dos mapas produzidos em favor da *Pivot Area*, vista como região central e basilar da plataforma eurasiática.

7 Os *cossacos* foram um povo guerreiro organizado a partir das tribos das florestas do norte da Rússia e integrados às estepes para confrontar os tártaros.

8 Ao fim da Primeira Guerra, apenas os Impérios Áustro-Hungaro e Turco-Otomano foram fragmentados territorialmente, sendo a Alemanha poupada pelos vitoriosos aliados.

FIGURA 1

MAPA DA ÁREA PIVÔ DE MACKINDER



Legenda

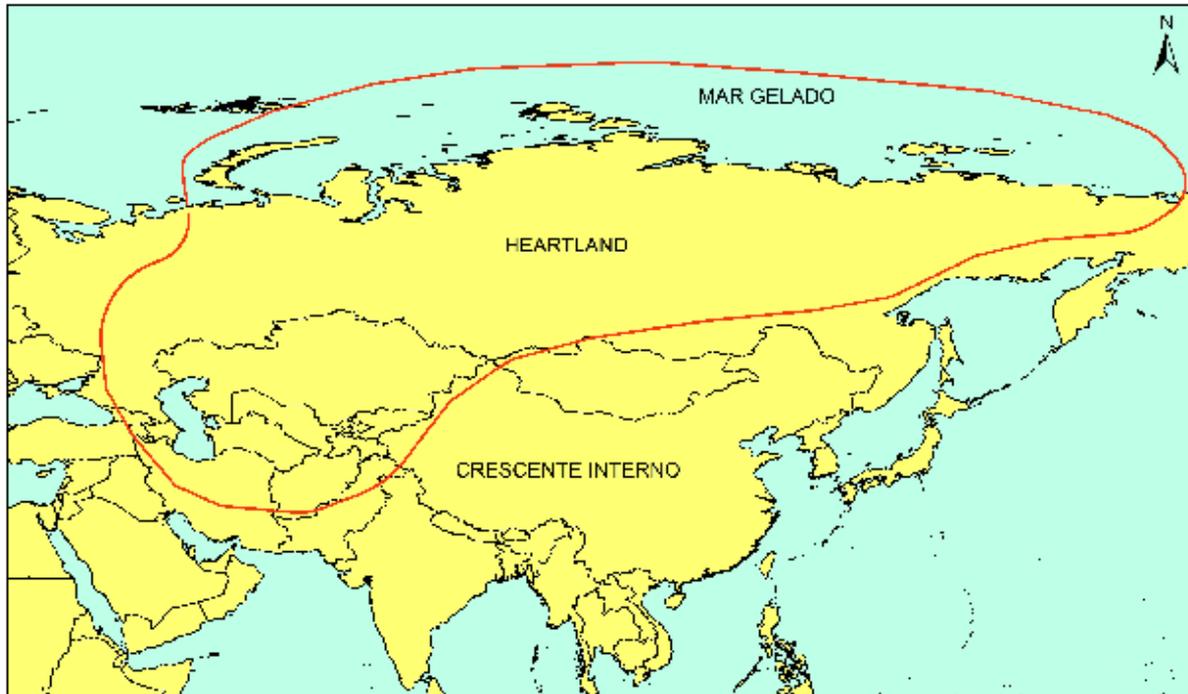
— Área Pivô — Mundo

Elaboração: Dyrge Freitas Rocha
 Sistema de Coordenadas Geográficas: WGS 1984
 Fonte dos dados: BIT Ministério dos Transportes (2012)

Baseado na Teoria do Heartland em Desenvolvido
 Idells and Reilly, Halford J. Mackinder (19 05)

FIGURA 2

MAPA DO HEARTLAND - MACKINDER



Legenda

— Limites do Heartland - H. J. Mackinder
 — Mundo

Elaboração: Dyrge Freitas Rocha
 Sistema de Coordenadas Geográficas: WGS 1984
 Fonte: BIT - Ministério dos Transportes (2012) / ivagis.org



A teoria mackinderiana conseguiu antecipar os movimentos geoestratégicos das potências eurasiáticas em duas guerras gerais entre 1914 e 1945, envolvendo um poder terrestre representado pela Alemanha e um poder marítimo representado pela Inglaterra, e ainda a própria Guerra Fria, a medida que a União Soviética tornava-se a potência sucedânea da Alemanha no controle do *Heartland*.

Os movimentos geoestratégicos do período da Guerra Fria resultaram também da aplicação da teoria do *Rimland*, surgida do período entre-guerras como uma espécie de teoria complementar ao *Heartland*. Num primeiro momento, o *Rimland* embasa geopoliticamente a política externa dos Estados Unidos para lidar com o expansionismo nazista na Europa e o imperialismo japonês no Pacífico⁹.

Do realismo, o geógrafo estadunidense N. Spykman adotou a ideia de estruturação de um sistema interestatal global em que qualquer modificação na relação de forças afeta sempre a posição relativa dos grandes atores internacionais, e que, por isso mesmo, não podem permanecer indiferentes às oscilações do equilíbrio do poder mundial. Em síntese, Spykman notou que não existe a opção do “esplêndido isolamento” para as potências (MELLO, 1999).

A estratégia de contenção ocidental deveria, para Spykman, projetar a primeira linha de defesa estadunidense não no continente americano, mas do outro lado do Atlântico (Europa) e do Pacífico (Ásia e ilhas do Pacífico). Como somente avançando a primeira linha de defesa para dentro da Europa e da Ásia, seria útil montar uma segunda linha de defesa no perímetro interno do Hemisfério Ocidental, isso implicava em avançar as forças americanas e posicioná-las nas duas extremidades do continente eurasiático.

Analogamente à Mackinder, Spykman acreditava que se o continente eurasiático fosse dominado por um único poder ou aliança, este acumularia uma força não compensada que poderia projetar-se nos oceanos Atlântico e Pacífico e, dessa forma, cercar o Hemisfério Ocidental. Assim, sua estratégia apostava na instabilidade da Eurásia para preservar o excedente de poder dos Estados Unidos, priorizando o cercamento de ambas as bordas do continente eurasiático por meio da hegemonia naval atlantista (MELLO, 1999).

Os novos conceitos estratégicos da OTAN

A OTAN ou Aliança Atlântica é um bloco militar criado entre EUA e aliados euro-

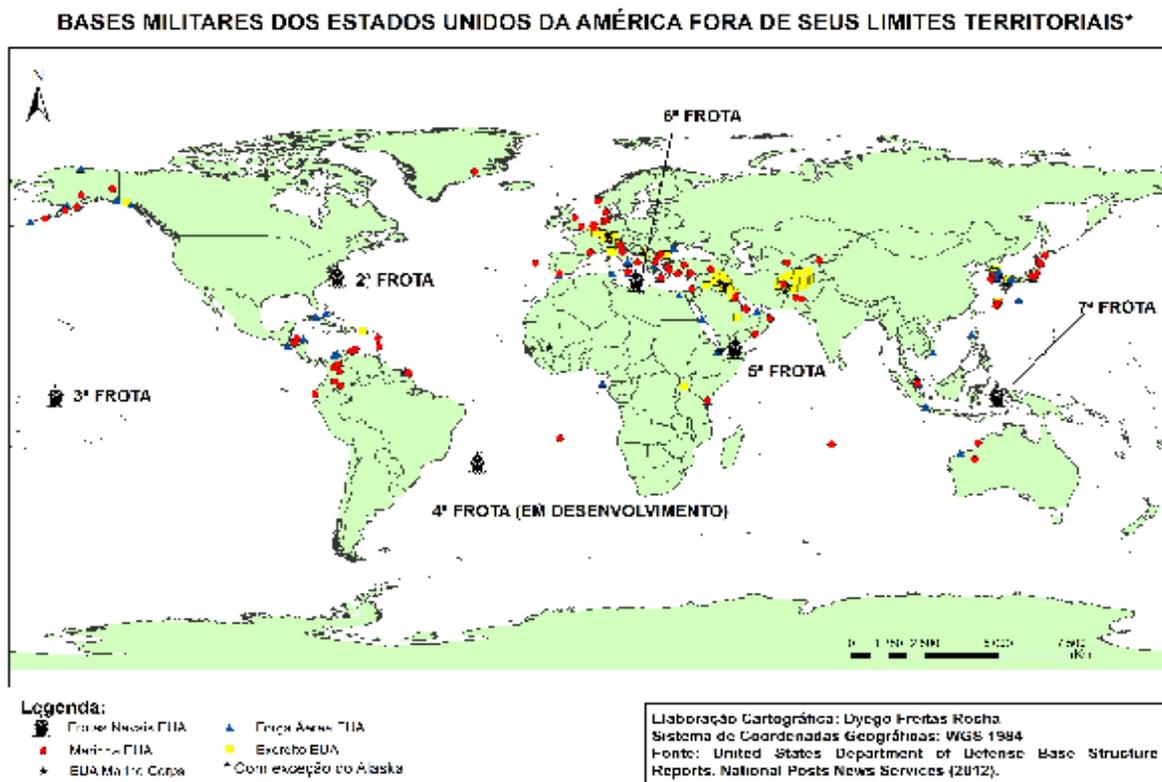
⁹ Enquanto os isolacionistas defendiam uma política essencialmente doméstica e regional, cujo horizonte limitava-se ao âmbito do continente americano (Doutrina Monroe), ao contrário, os intervencionistas adotariam os paradigmas geoestratégicos da teoria do *Rimland* de Nicholas Spykman.

ocidentais em 1949, então voltado à contenção do expansionismo soviético no continente europeu. Nos anos 50, a OTAN avançava para além da Europa Ocidental, incorporando Grécia e Turquia, visando o controle das passagens do Estreito de Bósforo, que em caso de guerra, significaria o isolamento da frota militar soviética estacionada na Crimeia/Mar Negro¹⁰.

Esse componente geopolítico da estratégia de contenção da Doutrina Kennan-Truman trouxe a derrocada final do imperialismo soviético, incapaz de romper seu isolamento continental [evidente que a improvável parceria estratégica entre EUA e China no campo econômico também contribuiu decisivamente para esse isolamento soviético].

Mas a validade do *Rimland* não se encerra com o fim da Guerra Fria, ao contrário, no séc. XXI as ameaças vindas do continente eurasiático ainda são reais demais para que o ocidente desative as linhas de contenção baseadas no uso do poder marítimo (Fig. 3).

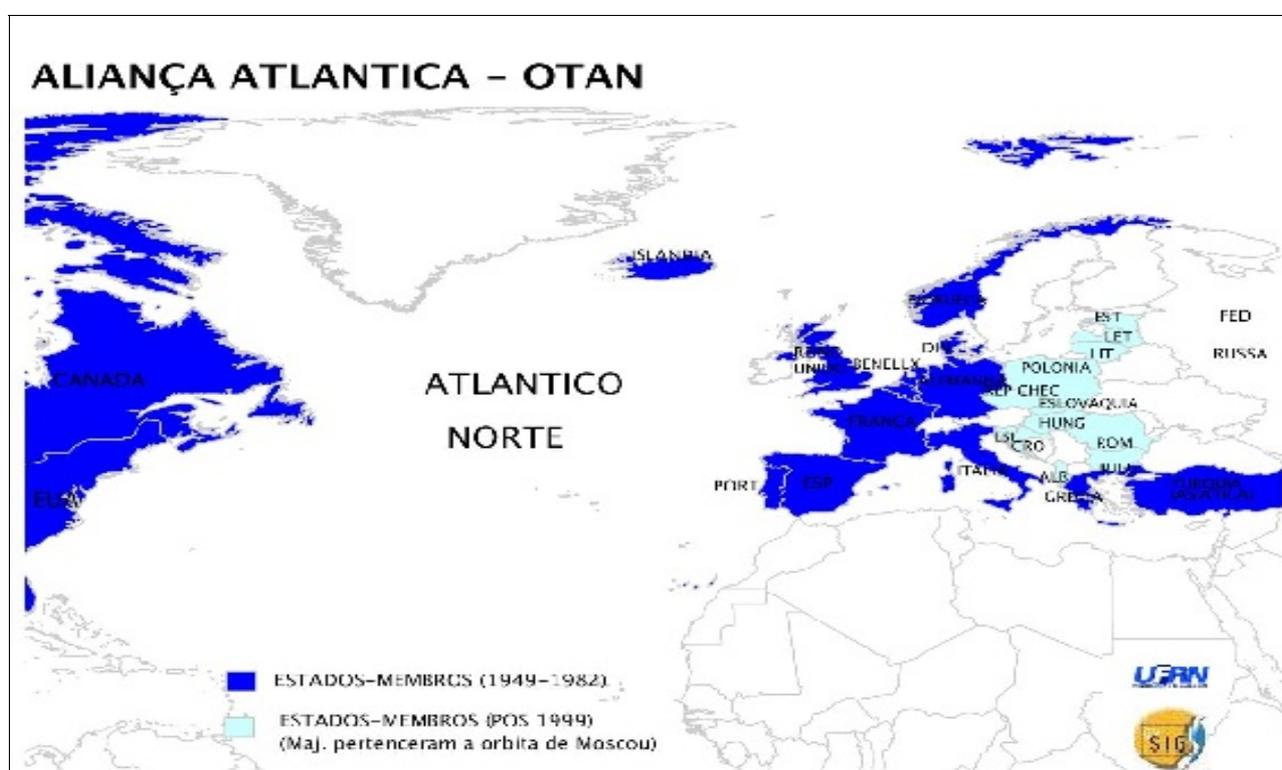
FIGURA 3



10 Esse objetivo geoestratégico de impedir o acesso russo aos mares quentes resultou também no apoio americano à ditadura iraniana e na intervenção militar na Guerra da Coreia. A Rússia permaneceu historicamente enclausurada pelos mares interiores Báltico e Negro, no Ocidente, e pelos mares de Okhotsk e do Japão, no Oriente (MELLO, 1999).

Essas ameaças vindas da Eurásia explicam a continuidade e alargamento da OTAN na direção da antiga Cortina de Ferro, que representou a incorporação de quase todo o Leste Europeu (Figura 4), incluindo as ex-repúblicas soviéticas do Báltico e as novas nações balcânicas da fragmentada Iugoslávia. Além disso, a OTAN reformulou em 1991 sua agenda estratégica com o documento *New Strategic Concept*, que procura redirecionar seus objetivos em decorrência do recuo russo no Leste Europeu, Cáucaso e Ásia Central¹¹. Mas ainda assim, a OTAN pode mostrar-se uma organização militar tacanha demais para os grande movimentos geoestratégicos previstos para o século XXI.

FIGURA 4



Diante da emergência do poder chinês, a política de expansão geográfica da OTAN nos últimos anos tem incluído esforços mais intensos no sentido da incorporação de parceiros estratégicos na Bacia do Pacífico:

Tal proposta, apresentada pela delegação estadunidense, representaria uma iniciativa de se aumentar os laços estratégicos e militares da organização, assim como seu papel em regiões localizadas fora de sua

¹¹ Na reorganização do mapa europeu pós-Guerra Fria, a reunificação da Alemanha ocorreu de modo a reintegrá-la as mesmas organizações internacionais das quais era membro a Alemanha Federal; previa-se ainda entendimentos da OTAN com os Estados do antigo Pacto de Varsóvia e um relacionamento estratégico com a própria Rússia.

área de influência tradicional. A ideia é de que sejam realizados, primeiramente, fóruns regulares da OTAN com Austrália, Nova Zelândia, Suécia e Finlândia, e mais tarde também com Japão e Coreia do Sul no intuito de criação de parcerias avançadas. (CANÊDO, 2006, p.1).

A questão central é convencer os aliados europeus a cederem ainda mais poder político e militar numa reengenharia global da OTAN. Enquanto isto, no Leste Europeu e na Ásia Central, a expansão da OTAN foi bloqueada pelas contra-estratégias russas. Moscou usou da diplomacia da barganha energética para obter da Ucrânia o congelamento das conversações sobre a adesão ao bloco militar ocidental, e também vai retomando seu *hard power* na Ásia Central, onde reforma suas bases militares instaladas ainda no período soviético. No Cáucaso, o retorno da “Grande Rússia” se fez pela intervenção militar na Geórgia em 2008, sob o pretexto de proteger os enclaves pró-russos da Abkházia e Ossétia do Sul, quando a real motivação era estancar a penetração da OTAN na “vizinhança imediata” russa (as diretrizes daquela organização proíbem a entrada de países com presença de tropas estrangeiras).

A emergência da China e o novo deslocamento do núcleo geoestratégico eurasiático

Embora a Rússia não seja mais uma pequena república do Leste Europeu, o protagonismo do poder terrestre no século XXI talvez venha da China. É a China quem experimenta uma inimaginada transformação de sua amplitude geográfica em riquezas econômicas, e projeta sua hegemonia benevolente construindo infraestruturas de integração regional por toda a Ásia, inclusive disputando com russos e americanos a influência sobre os recursos petrolíferos da Ásia Central e do Oriente Médio. Para o geopolítico Leonel Almeida Mello (1999), a rápida ascensão econômica chinesa a transforma no novo Estado-Pivô da Eurásia.

O conceito mackinderiano de Área Pivô parece ter se deslocado ainda mais ao Leste da Eurásia. Como alerta o estrategista estadunidense Samuel Huntington em seu paradigma do Choque de Civilizações, a história parece registrar novamente o avanço dos povos asiáticos na direção da Eurásia eslava e cristã, algo particularmente perturbador para os russos e europeus, mas com efeitos diretos também sobre a distribuição do poder mundial.

Por hora, a China se esforça por afirmar sua postura benevolente em política externa. A Organização para Cooperação de Xangai (OCX), criada em 2001, representa

mesmo uma tentativa de aproximação estratégica entre China e Rússia, no sentido do distensionamento de antigas questões fronteiriças, troca de informações de alto nível em questões de segurança (terrorismo) e realização de manobras militares conjuntas. Essa aproximação estratégica também visa gerar a estabilidade necessária para a exploração dos hidrocarbonetos da Ásia Central/Mar Cáspio.

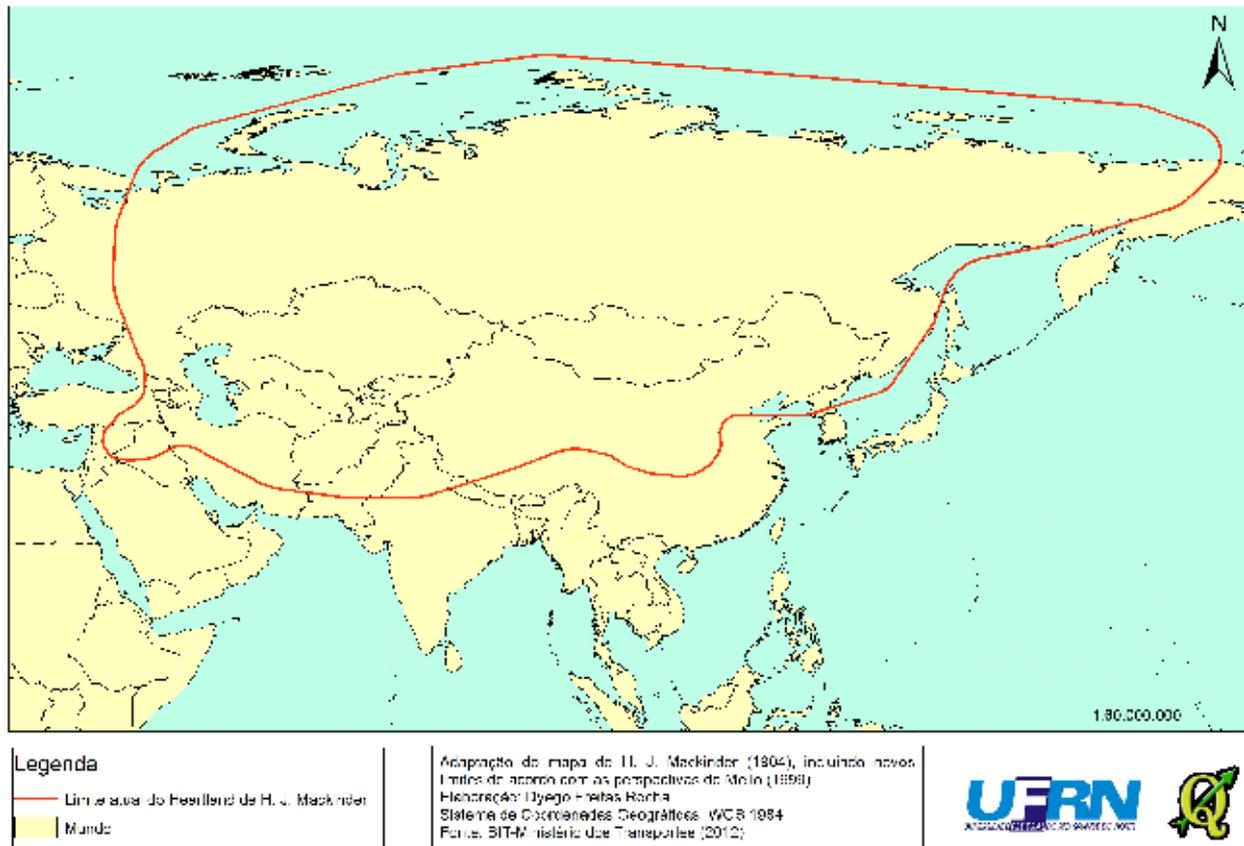
Em que momento a Rússia passará a ver a China como concorrente ao invés de colaboradora no controle dos recursos energéticos e minerais asiáticos é a grande questão a ser respondida nas próximas décadas. Antevendo o azedamento das relações sino-russas, tropas russas realizam com frequência cada vez maior manobras na Sibéria e Extremo Oriente Russo. Talvez, novamente a história venha a registrar o improvável: agora uma aliança russo-americana para deter o expansionismo chinês. Afinal, a Rússia é herdeira do segundo parque industrial-militar do mundo e seu território se projeta por boa parte da Eurásia.

Do lado russo ainda persiste o velho sonho geopolítico de abrir passagem desde o Sul do Cáucaso para os mares quentes do Índico, afinal, Paquistão e Irã são Estados Observadores da OCX. Para manter aberta essa aspiração sobre as franjas costeiras eurasiáticas (o *rimland* russo), Moscou decidiu votar contra a proposta ocidental no Conselho de Segurança da ONU por sanções mais abrangentes contra Teerã; e pelo mesmo motivo, o regime sírio de Assad também conta com apoio russo contra intervenções militares ocidentais mais duras. Por hora, os interesses russos e chineses têm coincidido, e em tese reavivam o conceito mackinderiano de *Heartland* através da OCX, que engloba exatamente o núcleo central do vasto conjunto eurasiático (Figura 5).

Na Eurásia, o desenho das rotas petrolíferas corre em meio a projeções geopolíticas de russos e chineses, que no momento parecem satisfeitos em afastar o ocidente e evitar o fechamento total das saídas oceânicas das regiões petrolíferas interiores¹².

FIGURA 6

MAPA DO HEARTLAND NA ATUALIDADE



Considerações finais

A estratégia de contenção projetada por Mackinder advinha da preocupação dos britânicos quanto à consolidação de um poder terrestre no continente eurasiático apto a desenvolver força anfíbia pelas franjas costeiras e que pudesse suplantar a hegemonia do poder naval inglês. Diante da iminência de uma aliança Berlim-Moscou, as dimensões da Área Pivô foram então ajustadas por Mackinder no conceito de *Heartland*. O geoestrategista N. Spykman reforçaria a geoestratégia mackinderiana ao deslocar a primeira linha de defesa estadunidense para as bordas da Eurásia (lado europeu do Atlântico e para as ilhas do Pacífico).

Diante da centralidade geoeconômica da Bacia do Atlântico Norte durante a primeira metade do século XX, Mackinder não tinha como realisticamente deslocar o *Heartland* para a Ásia, que somente ao final daquele século lança o antigo Império do Meio à condição de principal protagonista eurasiático.

Para que a estratégia ocidental de desestabilização da Eurásia continue exitosa no século XXI, os sistemas de alianças movidos pela potência hegemônica devem considerar

o recuo da borda oeste ou europeia do *Heartland* e a expansão da borda leste ou asiática na direção da China. Nessa perspectiva, os Estados Unidos terão que manobrar entre Rússia e China, provavelmente aproximando-se mais da primeira para evitar um novo reerguimento militar alemão, sobretudo em meio à crise europeia, mas principalmente, para contrabalançar o poder chinês no continente eurasiático¹².

A China expande sua influência econômica pela Ásia Central e militar pelo Pacífico, além disso, busca explorar os recursos da Sibéria, em pleno território russo (MELLO, 1999). Com vasta retaguarda continental e ampla frente marítima, seu grande potencial material e humano tende a transformar o dragão chinês numa potência anfíbia eurasiática. Assim, evitar a conexão sino-russa e tornar instáveis as regiões petrolíferas ambicionadas pela China - inteligentemente rotuladas de "conexão sino-islâmica" por Samuel Huntington (1997) - serão os principais objetivos geoestratégicos ocidentais no século XXI.

No cenário previsto por Mackinder no *The Geographical Pivot of History*, a China se tornaria em algum momento simultaneamente uma potência continental e oceânica, pois bem, esse momento chegou.

Referências

ALBUQUERQUE, E. **Breve história da Geopolítica**. Rio de Janeiro: CENEGRI, 2012.

CANÊDO, Sílvia Helena Guilherme. OTAN: evolução histórica. **Conjuntura Internacional**, PUC Minas, 08 de maio de 2006. Disponível em <www.pucminas.br/conjuntura>. Acesso em 3 de Abril de 2012.

FIORI, José Luis. A nova geopolítica das nações e o lugar da Rússia, China, Índia, Brasil e África do Sul. **Oikos**, v. 6, n. 2, 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

GILPIN, Robert. *O desafio do capitalismo global*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

HUNTINGTON, Samuel. **O choque das civilizações e a recomposição da nova ordem mundial**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1997

KHANNA, P. **O Segundo Mundo: Impérios e influência na Nova Ordem Global**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2008.

12 O geopolítico brasileiro Leonel I. Mello (1999) já apontava que a existência de um equilíbrio de poder entre as grandes potências eurasiáticas – Alemanha, China e Rússia, representaria o principal condicionante geográfico para manter a supremacia oceânica liderada pela potência insular ocidental, os Estados Unidos.

MACKINDER, H. J. **The Geographical Pivot of History.** *The Geographical Journal*, v. 23, n. 4, April 1904, pp. 421-437.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. ***Quem tem medo da Geopolítica?*** São Paulo: Edusp; Hucitec, 1999.

OLIVEIRA, Lucas K.; PAUTASSO, Diego. **A segurança energética da China e as reações dos EUA.** *Revista Contexto Internacional*, v. 30, n. 2, Dez. 2008.

Recebido em Novembro de 2013.

Publicado em Junho de 2014.